



A FORMAÇÃO DO PROFESSOR PARA O MERCADO CAPITALISTA DA EDUCAÇÃO

Maria Claudia Coutinho Henrique (1); José Cândido Rodrigues Neto (2); Maria Aparecida Silva Bezerra (3); Valmir Pereira (4); José Hélio Henrique de Lacerda (5); Kalligiana Araújo de Farias (6)

(1) *Universidade Estadual da Paraíba, claudiahcouthinho@gmail.com* - (2) *Universidade Estadual da Paraíba, jcrneto13@gmail.com* (3) *Universidade Estadual da Paraíba, Mariabezerra06@gmail.com*
- (4) *Universidade Estadual da Paraíba, provalmir@gmail.com* – (5) *Universidade Estadual da Paraíba, heliohlacerda@gmail.com* – (6) *Universidade Estadual da Paraíba, kaligianafilo@hotmail.com*

Orientador: Prof. Dr. Valmir Pereira - *Universidade Estadual da Paraíba*
provalmir@gmail.com

RESUMO: O presente artigo visa mostrar alguns dos pontos importantes sobre a formação docente para o mercado capitalista da educação em nosso país. Vale salientar que não buscamos aqui mostrar nenhuma novidade ou teorias de mudanças de políticas educacionais. Nossa intenção como futuros docentes é alertar os próprios alunos de cursos de licenciaturas a se preocuparem e tomarem posições perante os problemas enfrentados pela educação do nosso país em todas as instancias, principalmente na formação de professores, pois, são estes que farão, ou não, a diferença, na questão da melhoria do ensino. As discussões sobre o assunto “Formação de professores” são cada vez mais frequentes em debates voltados para a educação. As políticas educacionais sofreram várias mudanças nas últimas décadas, mas podemos notar que mesmo as políticas ditas inovadoras, buscavam apenas reproduzir a visão da classe dominante sobre como deve ser regida a educação, bem como sua aplicação para a conveniência desta classe. Com a noção desse modelo educacional voltado para a disseminação de uma visão de mundo onde quem determina todas as normas e políticas educacionais é a burguesia, o presente trabalho visa de certa forma, mostrar aos futuros docentes que, a nossa formação ainda hoje é voltada para uma prática de reprodução do conhecimento predeterminado por aqueles que acreditam ser, a doutrinação por meio de ensino mecanicista, a melhor forma de continuar com a dominação não só dos meios de produção, mas também dos meios de educação.

Palavras- chave: Formação; Educação; Capitalismo.



1 INTRODUÇÃO

As relações capitalistas de produção, bem como a formação de professores, são extremamente complexas e explicar tais relações nos limites desse artigo seria simplificar tal complexidade. Dessa forma, buscamos aqui apenas esboçar uma reflexão sobre a precária formação dos professores no Brasil bem como sua situação no mercado capitalista da educação. Muito se tem falado da formação do aluno para o mercado de trabalho, de uma formação técnica ou apenas básica para que o educando possa exercer seu papel de trabalhador e de cidadão. Desse modo, faz-se necessária uma reflexão por parte dos futuros professores sobre o cenário educacional no Brasil. Mas, e a formação de professores?

A formação docente vem sendo objeto de estudo de muitos pesquisadores durante um longo período, desde a década de 1960 até os dias de hoje, tendo sido abordada de várias formas e concepções. Até a década de 1960 a influência escolanovista buscava direcionar a formação dos professores de modo que estes pudessem usar as melhores formas de ensinar para assim obterem melhores resultados.

Esse tipo de abordagem levou as políticas educacionais à padronização dos currículos, para direcionar o trabalho dos professores, evitando assim possíveis desvios provocados pela falta de preparação da maioria dos docentes. (SANTOS, 2007, p. 18)

Com o surgimento da ditadura militar em 1964, o discurso dos professores foi ainda mais esvaziado, visto que para manter-se no emprego bem como em liberdade, o professor deveria restringir seus ensinamentos ao modelo imposto pelos militares, não podendo ser perpassado por discursos políticos.

[...] com o início da ditadura militar, o debate educacional foi novamente



silenciado, pois para garantir a liberdade, muitos educadores esvaziaram seu discurso de conteúdo político. Aqueles que tentaram mantê-lo sofreram duras consequências desse posicionamento, seja pela prisão, pelo exílio ou por acontecimentos ainda mais graves. (SANTOS, 2007, p. 20)

No fim da década de 1970 e mais fortemente na década de 1980, com a redemocratização do país, chegaram ao Brasil, os estudos críticos sobre a educação, baseados em teorias socialistas, sobretudo marxistas. Os trabalhos baseados nesse modo de ver a educação tentavam libertar das amarras o ensino padronizado e dar mais liberdade para que os professores pudessem pensar sua formação bem como seu modo de ensinar de forma mais crítica. Não podemos dizer que houve pleno consenso dos educadores sobre a teoria crítica, mas podemos dizer que todos criticavam o caráter reprodutivista que era modelo em nossas escolas. (SANTOS, 2007).

Todo o contexto histórico da educação brasileira no século XX, levou a várias reflexões sobre a formação de professores e o ato de ensinar. Entre os educadores dessa época podemos destacar o nome de Demerval Saviani visto que apesar de não ter havido consenso absoluto entre os estudiosos da educação, podemos dizer que houve uma aceitação e interiorização da interpretação de Saviani pela maioria dos educadores brasileiros.

Ao criticar autores tais como Bourdieu, Passeron, Althusser, entre outros, que consideravam a escola reprodutoras das classes sociais (SANTOS, 2007), classificando-os como “críticos-reprodutivistas”, Saviani propôs o que chamou de teoria critico-social por meio da qual a escola teria o papel de combater a ideologia dominante em busca da transformação social. Para tanto, tal teoria propõe uma formação de professores com base em reflexões sistemáticas, filosóficas e críticas em que a educação seria vista como um campo dialético e dinâmico. Assim, podemos dizer que o tema educação e formação de professores passou por várias reflexões, influenciadas pelos pensamentos de vários estudiosos em maior ou em menor grau. Tais influências refletiram direta ou indiretamente na legislação



educacional brasileira ao longo do século XX.

O tempo passou, muito foi dito, escrito e feito, mas o que mudou na formação dos professores do nosso país? Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a formação do aluno deve ser voltada para o exercício da cidadania bem como para sua inserção no mercado de trabalho. “Com a reforma do Ensino Médio passou-se a priorizar a formação de especialistas capazes de dominar a utilização de maquinarias ou de dirigir processos de produção. (CPT, 2015). Assim, não só as orientações para que os professores ensinem são voltadas para a capacitação da mão de obra para o mercado da produção, mas também a formação dos professores nas academias visto que estes devem se adequar as recomendações dos PCN. Desse modo, não só a formação do aluno de ensino médio é voltada para o mercado capitalista de produção, como a formação do professor acompanha esse cortejo.

A qualificação do professor também é uma formação para o mercado de trabalho na medida em que, a educação transformou-se em mercadoria, e uma mercadoria barata já que não se investe tanto quanto se deveria em educação, não somente do aluno, mas também dos professores de maneira geral, desde os professores de educação básica aos professores de ensino superior.

Considerando a educação como uma mercadoria, devemos também considerar a divisão do trabalho docente bem como do ensino e da aprendizagem, que estão fragmentadas bem ao estilo alienador das indústrias, uma vez que os proprietários das escolas privadas bem como os governos detém os meios de produção da educação, a qual todos estão sujeitos, disseminando assim a ideologia burguesa e fazendo com que cada dia mais se enfatize as diferenças não só de classes, mas da qualidade diferenciada da educação.

O professor é um trabalhador como outro qualquer na medida em que vende sua força de trabalho para o mercado capitalista. Seu trabalho passa a ser uma mercadoria e “como tal, passa a ser vendida, não de acordo com as necessidades do indivíduo trabalhador, mas do indivíduo empregador” (PEREIRA, 2013, pg.52). Assim, podemos dizer que a transformação



do trabalho docente em mercadoria acompanha o mercado capitalista pois sendo o professor um trabalhador, deve ele também vender sua força de trabalho, uma vez que isso só é possível por ser essa a única propriedade do trabalhador.

2 SOBRE A FORMAÇÃO DO PROFESSOR COMO OPERÁRIO DA INDÚSTRIA DA EDUCAÇÃO

A dignidade e a vontade de ensinar vêm sendo aviltada dos professores do nosso país há anos. Em cada época de nossa história a educação vem sofrendo mudanças e na maioria das vezes, tais mudanças dificultam cada vez mais a vida dos professores, sejam eles de ensino básico ou superior. A situação precária do trabalho docente está ganhando cada vez mais espaço nas discussões sobre o trabalho docente no Brasil.

A história da educação brasileira, em especial a da formação inicial de professores nos leva a analisar um panorama perturbador, com avanços, contradições e retrocessos. Arquitetada com políticas de pouca valorização e elaborada pela burguesia para que esta tivesse garantida a reprodução de sua ideologia, no decorrer da história do Brasil a formação de docentes vem sendo esboçada em um ambiente em que a formação pedagógica é diminuída em relação a uma formação conteudista. Assim, fortalece a ideia de que para ser professor é preciso apenas conhecer conteúdos da área escolhida.

Em várias etapas da formação, o futuro docente enfrenta restrições ao aprendizado do próprio ofício. Um grande problema na formação de professores brasileiros é, que muitas vezes as instituições com cursos voltados para a formação de tais profissionais tem seu currículo voltado para um modelo tecnicista de mera reprodução de conteúdos, é norteador por uma visão de que o docente da instituição deve voltar seu ensino pra que os futuros professores aprendam os princípios científicos relevantes a sua área e posteriormente as aplicações desses princípios e finalmente aplicar na sua prática cotidiana os princípios de tais



ciências.

Assim sendo, os professores que se formam em tais instituições levam para sua vida como docente a mesma prática de reprodução de conteúdos e de repetição das coisas que aprenderam por meio mecânico e sem reflexão, da mesma forma que sempre vivenciou no seu ambiente escolar, seja na escola elementar, seja nos bancos da universidade. Esse futuro professor será induzido a uma contínua adaptação e repetição, achando que é tudo muito natural, pois foi para isso que ele foi formado, separando o docente de uma formação e docência crítica, transformando-os em meros reprodutores do saber-fazer. Nesse sentido, Giroux nos diz que

As racionalidades tecnocráticas também operam dentro do próprio campo de ensino, e desempenham um papel cada vez maior na redução da autonomia do professor com respeito ao desenvolvimento e planejamento curricular e o julgamento e implementação de instrução em sala de aula (GIROUX, 1977, pg 160).

Os professores estão sujeitos assim a reproduzir conteúdos e instruções predeterminadas pelas instituições das quais serão empregados. Pode-se assim comparar as escolas como fábricas pois tendo se tornado uma mercadoria a educação e as instituições que são responsáveis pela reprodução de tal educação, irão produzir o maior número de diplomados no tempo determinado.

Porém, pode-se dizer que o professor não executa a mesma tarefa do operário, na medida em que a organização do trabalho na fábrica é diferente da organização do trabalho na escola. Os professores mantêm boa parte do controle sobre seu próprio trabalho, na medida em que gozam de certa autonomia não apenas em sala de aula mas também na escola como um todo podendo assim, em certa medida, experimentar novas formas de ensinar o conhecimento (o que não quer dizer que o façam) apesar das predeterminações impostas aos docentes.

O operário por sua vez não dispõe de nenhuma autonomia pois está sujeito às



condições impostas pelo patrão, o que não lhe permite experimentar ou escolher novas formas de produção. Na fábrica o trabalho do operário está centrado no fazer de um determinado produto e no caso do professor, o seu trabalho está centrado em repassar conhecimentos e saberes, o que não deixa de ser uma mercadoria uma vez que, mesmo o processo de proletarização do operário e do professor serem diferentes, eles têm em comum a posição que ocupam na estrutura social capitalista, são eles parte da mesma classe de trabalhadores que vendem sua força de trabalho para o capital.

Outro ponto importante é o salário e as condições de trabalho dos docentes, não apenas os recém-formados, mas também os que já estão na docência a muito tempo. Não só a educação é uma mercadoria, o professor também foi convertido em mercadoria. Com salários baixos, à docência não atrai mais jovens para o ensino superior. Neste ano o piso nacional do professor foi fixado em R\$ 1.697,39, para uma jornada de 40 horas. Mesmo entre os que decidiram seguir carreira na sala de aula, insatisfação no trabalho e desprestígio profissional são alguns dos motivos apontados por quem prefere abandonar a carreira docente.

Não podemos esquecer que, o trabalho do professor não acaba quando ele deixa a sala de aula. Podemos dizer que, o professor é um trabalhador em tempo integral, pois precisa preparar as aulas, corrigir as provas e trabalhos, preencher cadernetas e vários outros trabalhos burocráticos, o que o faz trabalhar mesmo fora do seu ambiente de trabalho, ou seja, fora da escola.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não poderíamos descrever todos os problemas da formação de professores nem de sua atuação no mercado capitalista da educação neste espaço. O nosso esforço é tentar esboçar alguns dos fatores que levam cada vez mais às discussões para esse tema, pois, como futuros professores, é de nossa responsabilidade e preocupação que se tente melhorar esse cenário no sentido de que a docência deveria ser tratada como fundamental para o desenvolvimento de



uma sociedade melhor e igualitária e não como mera reprodutora de práticas obsoletas na formação de seres humanos dignos.

REFERENCIAS

CPT. **PCN**: Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio. Disponível em: <<http://www.cpt.com.br/pcn/pcn-parametros-curriculares-nacionais-do-ensino-medio>>

Acesso em 20 de junho de 2015 às 18:20:52.

GIROUX, Henri A. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GRANVILLE, Maria Antonia (org). Teorias e práticas na formação de professores. Campinas: Papirus, 2007.

PEREIRA, Valmir. **O indivíduo burguês e a crise da escola**. Jundiaí, Paco Editorial, 2013.

PIMENTA, Selma Garrido. GHEDIN, Evandro. (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. 7 ed. São Paulo. Cortez, 2012.